PROFETISMO, POLÍTICA E CIDADANIA[1]

Maria Betânia Melo de Araújo[2]

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma visão panorâmica sobre o profetismo bíblico, realçando a atualidade da mensagem profética, especialmente no que diz respeito à contribuição dela para a compreensão do papel do cristão em relação à política e à cidadania no presente. Destaca-se a figura do profeta, a repercussão dos fatores históricos em sua pregação e o conteúdo da mensagem. A metodologia usada é a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Profetismo Bíblico. Religião. Cristianismo.

Introdução

A preocupação com o futuro aliada ao medo dos perigos e o desejo de sucesso nos empreendimentos levaram, e continuam levando alguns, a consultar um mundo diferente de deuses, espíritos ou simplesmente a acreditar nas “artes do destino”. A crença de que os deuses revelam os segredos está bem presente na literatura da Antiguidade desde Heródoto a Ésquilo, desde o Pentateuco a Cícero. A comunicação entre o homem e o deus exigia mediadores. Era “o especialista que servia de ponte entre o humano e o divino”. O presente artigo objetiva apresentar uma visão panorâmica do profetismo em Israel, destacando a figura do profeta, sua mensagem e a atualidade de sua pregação no que diz respeito à dimensão política e ao exercício da cidadania.

1. O Profetismo Bíblico

Os profetas não são figuras exclusivas da literatura hebraica. Havia profetas fora do mundo bíblico. Registros da Antiguidade apontam a existência de formas de profetismo além das fronteiras de Israel. Citamos como exemplo textos do Egito nos quais se percebe a ausência de revelações histórica e doutrinal e parecem ter como propósito agradar aos Faraós, e as famosas Tábuas Cuneiformes de Mari, descobertas em 1933 que, apesar de grande parte do conteúdo ser dedicado a

[1] Palestra da segunda mesa redonda do IV Simpósio do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações.

[2] Doutoranda em Ciências da Religião (UNICAP), Mestre em Antropologia (UFPE) Graduação em Psicologia (UNICAP), Bacharel e Mestre em Teologia (STBNB) e (SBTS – USA), Coordenadora e professora do curso de Teologia da Faculdade STBNB.

questões administrativas e comerciais, constata-se uma pequena porção do material como sendo de natureza profética (SICRE, 1996) e (VON RAD, 2005). Canaã também atesta a existência do profetismo, o que pode ser exemplificado no caso de Elias com os 450 profetas de Baal.

Segundo o relato bíblico, a existência de profetas em Israel data dos seus primórdios. Abraão, Moisés, Miriam, Débora, Samuel e outros são chamados assim. Porém, é no início da monarquia que eles surgem com toda a força e ganham destaque no meio do povo. Gerhard Von Rad (2015) fala da profecia pré-clássica, mencionada no século IX quando são focalizadas as figuras de Natan e Gade, profetas próximos ao rei, e as de Elias e Eliseu, que se destacam por se aproximarem do povo. A profecia clássica, naturalmente se refere ao período marcado pelo apogeu do movimento.

1.1 O Profeta

O mundo bíblico aponta para uma enorme lista de intermediários proibidos pelo Senhor, como os magos, agoureiros, feiticeiros e adivinhos (Deut. 18:10-12) e, por outro lado, realça a presença de tipos enviados pelo Senhor, como o Anjo, o sacerdote e o profeta. O profeta é também identificado como o vidente (I Sam. 9:9-10); com o visionário (2 Samuel 24:11) e com o homem de Deus, título mais frequente do que os outros e muito aplicado a personagens mais conhecidos. A palavra hebraica para profeta é *nabi,* termo de difícil tradução, segundo Von Rad, que (2005) se aproxima do verbo acadiano *nabu,* que significa chamar, proclamar.

O século VIII representa o período áureo da profecia em Israel, quando aparecem, na primeira metade, Amós e Oseias e, na segunda, Isaias e Miqueias. Esse século se destaca pelo aparecimento de um novo fenômeno em Israel, os profetas escritores. A difusão da escrita e a impressão da mensagem profética deixada nos ouvintes talvez tenham sido os fatores determinantes do fenômeno. Esses profetas advogam a reforma da estrutura devido à deterioração do sistema vigente. Por terem aparecido neste século quatro gigantes do profetismo, passou a ser chamado “o século de ouro da profecia em Israel”. A desigualdade, a opressão social, a problemática religiosa expressa na discrepância entre o culto e a ética, bem como a problemática política marcada pela supremacia da Assíria são elementos que integram o cenário da época. Esse século é considerado o período mais trágico da história de Israel. É o século do desaparecimento do Reino do Norte.

Após o apogeu do século VIII, a profecia em Israel entrou em um grande período de silêncio, que durou 75 anos. Esse período coincide com o longo e despótico reinado de Manassés (2 Reis 21:16). No final do século VII aparecem três grandes figuras: Sofonias, Habacuque e Jeremias. Esse final de século e início de outro representam uma época dividida em dois períodos separados pelo ano 609, data da morte do rei Josias. Os anos que antecedem esses fatos são marcados pela prosperidade, independência política e reforma religiosa. Nos anos que se seguem a esse evento, constata-se uma rápida decadência do Reino do Sul (Judá) que inicialmente é dominado pelo Egito e depois cai nas mãos da Babilônia, em 586.

Na profecia do exílio, brilha a figura de Ezequiel. Um profeta com uma história cheia de acontecimentos estranhos e atitudes bizarras que geraram diferentes opiniões sobre a personagem, incluindo o diagnóstico de esquizofrênico dado por Karl Jaspers. Há também controvérsias sobre sua época de atuação. Uns o colocam antes do exílio e outros após esse fato. A opinião mais aceita é que ele fez parte da primeira leva de desterrados para a Babilônia, efetuada por Nabucodonosor, sendo contemporâneo de Jeremias, embora muito mais jovem de que este. Ainda no exílio perdeu a esposa por morte e teve a notícia da destruição do templo. No momento da queda de Jerusalém, ele perde a fala. Seis meses depois, quando a notícia lhe é concretamente dada, ele se recupera. Aí começa uma nova etapa no seu ministério. Inicialmente, passa a falar para os outros sobre a queda como castigo. Depois passa a falar em salvação. A profecia continua com seu caráter denunciatório, mas agora toma outro rumo. O anúncio de um novo tempo. Este é o tema explorado pelo Dêutero - Isaías que surge nessa época.

O período da Restauração é carregado pelo espírito do desânimo. O grupo que voltou do cativeiro era formado por uma nova geração que encontrou apenas ruínas. Aparecem as figuras de Ageu e Zacarias, bem como o Trito-Isaías, que relembram as antigas promessas de restauração e a imagem de um país paradisíaco. As palavras dos antigos profetas foram atualizadas para o presente e projetadas para o futuro.

Segue-se a caminhada para o silêncio. Aparecem apenas dois livros com datas bastante controversas. O de Joel, que fala de uma praga de gafanhotos que representaria uma espécie de prelúdio para o Dia do Senhor, e a célebre narrativa de Jonas, que trata de uma narrativa fictícia e realça a política xenófoba de Esdras e Neemias. Nínive representava a opressão. A mensagem era que Deus amava

também o povo daquela cidade. O livro de Zacarias também surge nesse período além de algumas coleções, incluindo o livro de Malaquias. Com este material se encerra o período profético característico da História de Israel dando lugar ao período chamado “o silêncio de Deus”. Na realidade, a mensagem profética não protagonizou grandes transformações na sociedade da época. O povo não se arrependeu, não mudou de conduta e o cativeiro veio. No entanto, a mensagem continuou bem viva, fazendo diferença na condução da História.

Os relatos da experiência de vocação e chamada representam um elemento chave para a compreensão do ministério profético. Citaremos aqui as de Isaías, Jeremias e Ezequiel.

A experiência de Isaías, narrada no capítulo 6 do livro que leva o seu nome, envolve 3 momentos: visão, purificação e missão. As principais lições do texto se referem a uma nova experiência com Deus, fundamentada na convicção de sua grandeza e majestade. Essa visão leva Isaías a desenvolver uma nova concepção a respeito de si mesmo, do seu povo e a se introduzir nos planos do Senhor, introdução esta que faria diferença na história da relação de Deus com o seu povo.

A experiência de Jeremias difere da do seu colega acima citado nos seguintes pontos: não aparece a descrição majestática nem teofanias; o profeta se limita a dizer: recebi a palavra do Senhor. Jeremias apresenta uma reação tipicamente humana, uma reação de medo, mas o Senhor não aceita a sua objeção e promete a sua presença: “eu estarei contigo” (Jer. 1:9).

O relato da experiência de chamado de Ezequiel está carregado de acréscimos posteriores. Observam-se traços comuns às outras experiências como a visão da majestade de Deus, o medo do profeta e a rebeldia do povo.

O que mais impressiona nos relatos dessas experiências é o que chamamos de “absurdo da vocação profética”. Eles são avisados de antemão que a sua missão estava fadada ao fracasso. O Senhor, no entanto, declara que, apesar da falta de sucesso desta missão, “eles saberiam que no meio deles teve um profeta”. Hoje, séculos depois, estamos falando sobre eles.

1.2 A Mensagem

Os meios de comunicação usados por Deus para transmitir ao homem um conhecimento especial são a audição e a visão. A importância do instrumento usado pelo profeta – a palavra – representa a peça chave do seu ministério. Essa chega

através de maneiras diversas como sonhos e visões, mas, também, através de fatos e acontecimentos. Como afirma o exegeta, “Na palavra do Senhor e das coisas, na palavra da história e dos povos, o profeta descobre a palavra de Deus”. Apesar de parecerem atuar como em transe, não se pode dizer que essa conduta era característica de toda a profecia em Israel. Nem que o transe impedisse o profeta de falar de forma coerente.

Quanto aos gêneros literários, registra-se uma expressiva variedade. Sicre menciona gêneros tirados da sabedoria tribal e familiar, tirado do culto, da esfera judicial e da vida diária. O gênero estritamente profético é o dos oráculos de condenação contra indivíduos e contra a coletividade. Outros são ressaltados como os ais, a precatória profética e os oráculos de salvação. A classificação não se esgota aqui.

Registram-se também as chamadas “ações simbólicas” como meio de transmissão da mensagem. É o caso da cena protagonizada por Isaías caminhando despido durante três anos, narrada em Isaías 25. Essa cena representava um presságio contra Egito e Etiópia (Cuche). O casamento de Oseias a as várias ações que envolveram o ministério de Ezequiel como a negação do luto pela morte da esposa (Ez. 22:15-24) também são exemplos desse tipo de comunicação da mensagem. Há discussões em torno delas. São reais ou fictícias? São realizadas de forma consciente ou são inconscientes? São vestígios de práticas mágicas?

2. O Conteúdo Político da Mensagem Profética

2.1 A quebra do pacto e a colocação dos “rivais de Deus”

A libertação do Egito, a caminhada no deserto, o encontro do Sinai, representaram fases do processo de formação de um povo que se transformou em nação e em ‘povo de Deus’ pela intervenção direta de YAHWEH. No entanto, à medida que foi afastando-se do Pacto do Sinai, Israel foi colocando também o que Sicre (1996) chama de “rivais de Deus”. Estes apareceram à medida que os impérios foram divinizados. Entram em evidência os profetas, porta-vozes de Deus com o propósito de assegurarem a sobrevivência da nação apóstata. Eles convocaram o povo à responsabilidade, tentando fazer com que tivesse sempre em mente as razões que o levaram à categoria de “nação eleita”. Ao se afastar de Deus, este povo perderia os alicerces de sua própria existência.

2.2 As "balanças injustas"

A luta pela justiça representou um dos principais temas abordados pelos profetas. Uma sociedade dominada pela dominação latifundiária, pela escravidão, pela opressão das classes menos favorecidas economicamente, pelo não pagamento dos assalariados, pelas balanças injustas e por diversos tipos de fraude que caracterizavam a conduta dos comerciantes. Esta situação representou um desafio pessoal para cada profeta. Amós, Miqueias, Isaías no início de sua atividade, Jeremias no discurso do templo e Ezequiel acusam os diversos setores da sociedade de abusos sociais. A censura destes crimes sociais ancorava-se no direito transmitido desde os tempos antigos, e não apenas no sentimento moral dos profetas. Porções do decálogo são citadas em Amós e Isaías. O primeiro investe contra os ricos prepotentes que abusando do poder oprimem os pobres. Os profetas denunciam ainda a vida luxuosa, contrastando com a miséria dos indigentes, das viúvas e dos órfãos, esquecendo que Deus havia determinado a participação e posse de todos no território na Terra Prometida.

Interessante notar que a relação do profeta com a sociedade de um modo geral não era de oposição. As tradições e verdades transmitidas pela cultura, falavam de um Deus de amor e justiça. Certas expressões de apoio de grupos registradas na literatura e, especialmente, a existência dos livros que apresentam o labor paciente dos discípulos e redatores mostram que o profeta não era rejeitado totalmente pelo povo. Mas o confronto existia em situações específicas: quando o monarca sentia a sua autoridade ameaçada e quando o profeta denunciava a injustiça e o abuso de poder. Quando a classe sacerdotal ou alguns dos seus representantes percebia que estava adulterando o papel que lhe havia sido confiado, em virtude da mensagem do profeta. São vários os casos registrados na literatura vétero-testamentária mostrando sacerdotes usando o poder como instrumento de obtenção de vantagens pessoais e prejuízos para o povo. Os chefes políticos e militares, por deterem alguma forma de poder político, também eram alvos da denúncia profética e, consequentemente, insurgiram-se contra esses homens de Deus. No entanto, o grupo social que os profetas enfrentaram com maior dureza foram os falsos profetas. O que estava em jogo era a definição em torno de quem realmente conhecia os planos de Deus (I Reis 22). A vida do povo no sentido social e a política religiosa estavam em perigo. O falso profeta poderia levar o país à ruína porque eles falavam aquilo que o povo queria ouvir, a fim de não se confrontar com

a sua realidade, com o seu pecado. A ameaça estava sempre rondando a vida do profeta. Era necessário ter muita convicção para levar sua tarefa adiante.

2.3 A exploração do culto

A religiosidade hipócrita foi desmascarada por Ezequiel, Amós, Oséias, Isaías Miquéias. Apesar de ser o culto o lugar central no coração do povo, esse estava desvirtuado. Componentes do culto como o templo, sacrifícios, festas, altar, sacerdotes passaram a ser alvo de debate e de reprovação. Os sacrifícios haviam-se tornado mera formalidade institucional desprovidos do verdadeiro encontro com Deus. Ofertavam sacrifício com as mãos manchadas de sangue. O culto hipócrita, os sacerdotes omissos. Culto esvaziado que já não alcançava o seu objetivo: o aprofundamento das relações com Deus. Os falsos profetas, evidenciados especialmente no confronto entre Jeremias e Hananias (Jr.28) que embalavam o povo em uma esperança fictícia, apresentando uma profecia promissora, baseada nas esperanças nacionalistas.

2.4 A visão da História e a Era Messiânica

A visão profética da História dirigida pela palavra de YAHWEH representa outro tópico. Alem de conduzir a história, Ele interpela e exige atitudes consistentes de fé e conversão. O futuro é visto pelo profeta quase como uma obra exclusiva de Deus no qual o homem se limita a colaborar. Sicre (1996, p. 423) faz questão de destacar a atualidade da mensagem profética declarando que “a Palavra de Deus continua a interpretar a história e que o cristão é obrigado a firmar seu juízo sobre ela através dessa Palavra que é Cristo, com os olhos voltados para o futuro que se fez presente nele”.

Um número considerável de oráculos destaca-se pelo seu universalismo. Envolve as nações fora de Israel. Os assírios são acusados de soberbos e arrogantes por não se contentarem em ser meros instrumentos de YAHWEH, que, além de redentor de Israel, é também o Senhor dos destinos que obriga outras nações a cumprirem os seus planos para com o seu povo eleito.

3. A Atualidade da Mensagem Profética

Apesar do profetismo não representar um traço exclusivo da cultura israelense, pois o fenômeno existiu também entre os povos que circunvizinhavam a nação israelita, isso não diminui a relevância desses profetas. A razão maior de sua superioridade reside no fato de que a sua mensagem era revelada. Ela representava o instrumento de comunicação de um Deus que havia estabelecido um pacto com aquele povo, que fazia questão de continuar fiel a esse pacto e que agora expressava o seu descontentamento pela infidelidade desse povo em relação ao que fora acordado. Além disso, a estreita ligação entre a experiência religiosa e o compromisso decorrente dessa, expresso nas ações cotidianas, fez da profecia israelense, um fenômeno único entre as culturas do seu tempo.

3.1 O desnível que insulta o céu

A denúncia dos males sociais representa uma das expressões mais evidentes da atualidade da mensagem profética. A opressão exercida pelos poderosos sobre os que pertenciam às classes sociais consideradas inferiores, “as balanças enganosas” ou “falcatruas”, a desigualdade social representada na literatura profética pela posse de grandes levas de terra nas mãos de poucos, a exploração e o abuso do poder constatado em alguns líderes religiosos continuam sendo uma realidade nas culturas e sociedades do nosso tempo. Por essa razão, podemos afirmar sem sombra de dúvida que continuamos a precisar de sua mensagem. Precisamos que o recado de Deus seja transmitido com a mesma coragem e convicção, mesmo que isso exija as mais diversas transformações em pessoas e instituições.

Miquéias foi um dos grandes denunciadores da injustiça social. “Ele quer justiça e misericórdia, e não sangue de bois e ovelhas”. A violação das leis morais de Deus efetuadas pelas classes dominantes de Jerusalém que cometiam injustiça e crueldade para com os pobres infelizmente continuam sendo constatadas em nossos dias. A ênfase está no caráter e não no ritual.

3.2 O clamor pelo Messias ou o messias de cada dia

“Não terás outros deuses diante de mim”. “Não podeis servir a Deus e as riquezas”. Entre essas duas expressões, centenas de anos se passaram, mas elas

encerram uma só realidade: a necessidade de estabelecer parâmetros, de estabelecer eixos ao redor dos quais gire a nossa existência. Em tempos de pós-modernidade, com o chamado declínio de metanarrativas, a coisa parece se tornar mais difícil. Não há lugar para verdades absolutas. No entanto, todo momento aparecem messias. Na forma de pessoas, de ideias, de instrumentos tecnológicos, um messias para cada dia, um elemento supostamente redentivo para cada tipo de problema. Não seria este um momento para se pensar sobre os motivos que nos levam à busca de uma realidade ou de realidades que possam nos garantir uma existência satisfatória? Para os profetas, a única saída do povo como nação, a única forma de alcance do propósito para o qual aquele povo havia sido formado era a fidelidade ao pacto. E hoje, o que nos segura como pessoa e sociedade?

Considerações finais

Destacamos dois pontos gerais relacionados com o tema: profetismo, política e cidadania.

1. O cidadão de dois mundos: a questão da identidade

O cristão é apresentado nas páginas do Novo Testamento como detentor de uma dupla cidadania. Em Hebreus 13:14, lemos: “Porque não temos aqui cidade permanente mas buscamos uma futura”. Não é uma estadia permanente, mas estamos nesta *polis*. E, enquanto estamos nela, temos responsabilidades em relação ao seu bem-estar. É aí onde entra a dimensão política do Cristianismo. É exatamente na comunidade onde se pratica a justiça, a verdade e o amor. É aí onde, de forma responsável, indica-se uma liderança capaz de coordenar as ações que levam o grupo ao crescimento e à realização de sua humanidade.

Esta situação não gera nenhuma cisão na personalidade, nenhuma esquizofrenia, uma vez que existe um centro de lealdade. De acordo com os profetas, existe um único Senhor no céu e na terra. Um Senhor que derrama o seu amor fiel - o *hesed* - um Senhor a quem o ser humano deve permanecer ligado para a preservação de sua própria integridade.

2. Um espaço para um cântico de esperança

“Mas julgará com justiça os pobres. A justiça será o cinto dos seus lombos. E morará o lobo com o cordeiro e leopardo com o cabrito se deitará; Não se fará mal

nem dano algum em todo o monte da minha santidade". Essas palavras representam parte de um trecho do profeta Isaías (Isaías 11) referindo-se ao reinado do Messias. A esperança messiânica constitui uma das contribuições mais importante dos profetas para a História. Uma visão ímpar de um período histórico caracterizado pela salvação e autorrealização do ser humano. Uma época de paz e harmonia entre as coisas criadas.

A falta de solidariedade entre os seres humanos e o descaso com a natureza representam duas das maiores chagas enfrentadas pelo mundo em que vivemos. As duas situações podem ser sintetizadas na expressão 'ausência de cuidado'. Os profetas falam de uma época em que haveria cuidado e essa visão foi vital para a sobrevivência daquele povo.

O cristão politizado é aquele que cuida. Cuida dos seres humanos. Cuida da natureza. Cuida porque possui a visão de um mundo que precisa chegar ao propósito para o qual foi criado. Um mundo de diálogo que pressupõe a boa convivência entre diferentes ideologias, um mundo de reconhecimento do valor das diferenças entre as culturas. E ao possuir esta visão ele passa a lutar para a sua concretização. E, ao fazer isso, ele abre espaço para um cântico de esperança.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo André, São Paulo: Imprensa Bíblica Brasileira, 2014.

KELLEY, Page. *Isaiah* in: **The Broadmann Commentary**. Nashville, Tennessee: Broadmann Press, 1973.

SCOTT, R. B.: **Os profetas de Israel: nossos contemporâneos**: São Paulo: ASTE, 1968

SICRE, José L. **Profetismo em Israel**. São Paulo: Paulinas, 1996.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 2005.